

✓ ~~2017~~  
Art

EXT-R-16



Ext. R

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL  
Curso de Engenharia Agronómica com Orientação em Extensão Rural

16

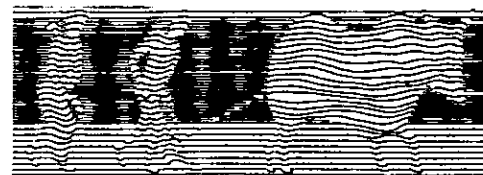
Trabalho de Licenciatura

18879

**SCF-UK: ACTIVIDADES,  
PARTICIPAÇÃO E EMPODERAMENTO  
DA COMUNIDADE DE MOCHA**

Supervisor  
Bart Pijnenburg  
Secção de Economia Agrária e Extensão

Luís Artur  
Maputo, Julho 1999





## *Dedicatória*

A memória do meu tio Agostinho Sifa, que tudo fez para que eu fosse o que hoje sou;

A minha mãe Antônia Sifa, que me fez ver a luz do mundo e pelo seu imenso carinho;

A minha avó, por ter-me criado e mandado a escola;

Aos meus tios: Abel, Domingos, António, Jorge, Paulo, por terem sido os meus suportes da vida;

As minhas tias: Linda, Flora, Inês, Joana, Rita, pelo carinho e força que me deram;

A toda restante família Sifa.

## *AGRADECIMENTOS*

Ao meu supervisor Engenheiro Bart Pijnenburg, pela paciência no acompanhamento do presente trabalho.

A Deus todo poderoso pela força que me dá nos momentos de fraqueza.

A Dona Etelvina em Quelimane. Dona Etelvina, foste para mim uma segunda mãe. Graças a tí este trabalho foi possível. Um grande abraço a toda família Cunha.

Ao Sr. Artur em Mocha, pelo acolhimento na sua casa durante o trabalho de campo.

A SCF-UK no geral, o meu muito obrigado pela ajuda, carinho, simpatia e abertura para comigo.

Aos meus amigos: Bambissa, Mário, Paulo, Pedro, Gregório, e demais aqui não mencionados, pelo ânimo que me deram quando fazia o trabalho.

Aos meus colegas: Limbau, Licínia, Teodósio, Cláudio, pelo encorajamento durante o trabalho.

## *ABREVIATURAS*

CDC- Convenção dos Direitos da Criança

DRP- Diagnóstico Rural Participativo

EP1- Ensino Primário do 1º Grau

HPI- Heifer Project International

INDER- Instituto Nacional de Desenvolvimento Rural

PAV- Programa Alargado de Vacinação

SCF-UK- Save the Children Fund (United Kingdom)

TOT- Transference Of Technology

## *LISTA DE ANEXOS*

Anexo 1- Programa Diário.

Anexo 2- Guião de entrevistas com informantes Chaves, com a comunidade e com outras instituições.

Anexo 3- Estrutura Administrativa.

Anexo 4- Mapa de Mocha

## *RESUMO*

O presente relatório resulta dum acompanhamento de actividades com o uso da abordagem participativa pela SCF-UK. Um particular realce é dado as actividades desenvolvidas pela SCF-UK em Mocha, Distrito de Mopeia, Província da Zambézia, e na avaliação da participação dos diferentes intervenientes nestas actividades.

Os resultados mostraram que o papel da SCF-UK no desenvolvimento de Mocha, incidiu sobretudo na complementaridade de algumas funções do estado, principalmente em actividades que beneficiam a criança, como a construção de escola e abertura de fonte de água potável.

O estudo mostrou que a abordagem participativa, que visava acima de tudo reduzir o papel de "fazedor" por parte da SCF-UK, é ainda pouco usada. As actividades desenvolvidas depois de 1995 (ano que a instituição começou a usar a abordagem participativa), continuaram sendo definidas maioritariamente pela instituição.

Apesar do fraco uso, o estudo mostra que a instituição tem um grande interesse no uso da abordagem participativa, o que é demonstrado por exemplo pela intenção de criar uma equipe interna de DRP.

Os resultados mostraram que o empoderamento da comunidade é sobretudo um empoderamento que cria habilidades individuais à alguns membros da comunidade, e não um empoderamento sobre toda a comunidade.

## Tabela de conteúdo

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
1.1 JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO .....	4
1.2. OBJECTIVOS DO ESTUDO .....	6
1.2.1 <i>Objectivo geral:</i> .....	6
1.2.2 <i>Objectivos específicos:</i> .....	6
1.3. QUESTÕES DE ESTUDO .....	7
<b>2. OS CONCEITOS PARTICIPAÇÃO E EMPODERAMENTO</b> .....	<b>8</b>
2.1. DIFERENTES SIGNIFICADOS E TIPOS DE PARTICIPAÇÃO .....	9
2.2. EMPODERAMENTO DAS COMUNIDADES .....	10
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>12</b>
3.1. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS .....	12
3.2. MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	14
<b>4. O TREINAMENTO E O DRP DE JUNHO DE 1998</b> .....	<b>15</b>
4.1. DESCRIÇÃO DO TREINAMENTO SOBRE DRP .....	15
4.2. DESCRIÇÃO DO DRP .....	17
<b>5. DESCRIÇÃO DA ZONA</b> .....	<b>21</b>
5.1. HISTORIAL DO NOME .....	21
5.2. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA .....	21
5.3. LIMITES GEOGRÁFICOS .....	21
5.4. ACONTECIMENTOS SIGNIFICATIVOS DA COMUNIDADE .....	22
5.5. INSTITUIÇÕES DO GOVERNO E OUTROS AGENTES NA COMUNIDADE .....	22
5.6. INFRA-ESTRUTURAS .....	22
5.7. RECURSOS .....	23
5.8. ACTIVIDADES ECONÓMICAS .....	23
<b>6. DESCRIÇÃO DO PROJECTO</b> .....	<b>25</b>
6.1. HISTORIAL DA SCF-UK .....	25
6.2. OBJECTIVOS GERAIS DA SCF-UK .....	25
6.3. A SCF-UK EM MOÇAMBIQUE .....	26
6.4. OBJECTIVOS DE INTERVENÇÃO DA SCF-UK EM MOÇAMBIQUE .....	26
6.5. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO EM MOÇAMBIQUE .....	26
6.6. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOÇAMBIQUE .....	27
6.7. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOCHA .....	28
6.8. GRUPOS INTERVENIENTES NAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOCHA .....	30
6.9. PAPEL DE CADA GRUPO INTERVENIENTE .....	30
6.10. EVOLUÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS .....	32
6.11. USO DA ABORDAGEM PARTICIPATIVA PELA SCF-UK .....	33
6.12. CUSTOS DE USAR A COMUNIDADE NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA .....	34
<b>7. REACÇÃO DA COMUNIDADE ÀS INTERVENÇÕES</b> .....	<b>35</b>
7.1. EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE COM INTERVENÇÕES .....	35
7.2. IMPACTO DAS ACTIVIDADES .....	35
7.3. BENEFÍCIOS E BENEFICIÁRIOS DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS .....	36
7.4. PREJUÍZOS E PREJUDICADOS PELAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS .....	39
7.5. OPINIÃO DA COMUNIDADE ACERCA DAS INTERVENÇÕES .....	39

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	42
8.1. EM RELACÇÃO AO TREINAMENTO.....	42
8.2. EM RELACÇÃO AO DRP .....	43
8.3. PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NAS DIFERENTES ACTIVIDADES .....	44
9. CONCLUSÕES .....	48
10. RECOMENDAÇÕES .....	50
BIBLIOGRAFIA .....	52



## 1. INTRODUÇÃO

O envolvimento de organizações não governamentais (ONG's) no desenvolvimento de países em via de desenvolvimento, sobretudo africanos, tem aumentado de forma rápida nos últimos tempos. Isto resulta da consciencialização do ocidente e em particular dos doadores de que iniciativas privadas são o mecanismo mais eficiente de promoção do crescimento económico, e de prestação de serviços (Edwards & Hulmer, 1995).

Em muitos países e sobretudo nos países de proveniência, as ONG's são vistas como um meio para promover democratização, empoderamento, respeito dos direitos humanos, participação, treinamento, pluralismo. São vistas ainda como importantes para atingir objectivos políticos e económicos, assim como um meio de promoção de serviços de assistência social como educação e saúde em países onde os governos tem deficiências financeiras. Tudo isto faz com que as ONG's muitas das vezes sejam o canal preferido pelos doadores para prestação de serviços, em vez de estados (Edwards & Hulmer, 1995).

### **Actuação das ONG's em Moçambique**

Em termos numéricos não existem dados concretos de ONG's que operam no país. Estimativas de fontes distintas apontam que: em 1980 actuavam 7 ONG's; em 1983 o número subiu para 40, em 1985 eram 70, 110 em 1989, 120 em 1991 e 125 em 1992 (Adam, 1996 citado por Pinto, S. 1998). De acordo com o fórum das ONG's (LINK), organismo que coordena as ONG's, encontravam-se registadas em maio de 1999, 607 ONG's (296 nacionais e 311 internacionais).

O modo de actuação actual destas organizações pode ser diferente, mas, muitas tem algo em comum: Estão centradas no desenvolvimento rural onde a pobreza é acentuada e procuram adoptar a abordagem participativa. A temática da actuação destas organizações nas zonas rurais e sobretudo o modo como usam a abordagem participativa será o enfoque deste relatório, que baseado num estudo de caso no regulado de Marruma no distrito de Mopeia na Zambézia, irá reportar como a Save the Children Fund (SCF-UK) desenvolve as suas acções.

## 1.1 JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

Os insucessos de desenvolvimento rural em Moçambique tem sido justificados muitas vezes como resultantes da guerra terminada, minas existentes e insuficiência de investimentos. A planificação e implementação de projectos numa maneira inadequada assim como a ineficiência de medidas de apoio, são aspectos que poucas vezes são citados como responsáveis para isso.

Antigamente todos projectos de desenvolvimento rural centravam-se na população rural que raras vezes era consultada na planificação do projecto ou então raramente a planificação acentava sobre as suas reais necessidades e prioridades. Como consequência imediata a população não assumia o projecto como seu; sentia-o como uma imposição, o que se traduzia muitas vezes na falta de sustentabilidade destes projectos.

No Benín por exemplo, uma equipa de peritos estava um dia numa região subalimentada para concluir os últimos aspectos de um projecto de desenvolvimento rural. Quando contactaram os aldeões e os interrogaram sobre as suas prioridades esperavam respostas como: Queremos aumentar a produção, queremos sementes melhoradas, adubos, etc. No entanto ouviram: Deê-nos uma estrada de acesso que permite o escoamento de medicamentos (Esporo, 1995). Na aldeia de Nguri, Cabo-Delgado em Moçambique, um projecto Agrícola Italiano de apoio ao sector familiar, construiu um regadio. Quando os Italianos deixaram o projecto, as pessoas começaram a tirar pouco aos poucos o equipamento do projecto. Chapas de zinco, painés solares, ..., desapareceram (Vida nova, 1996).

Estes exemplos acontecem um pouco por toda a parte do mundo e são prova evidente da consequência de o projecto ser traçado sem a participação da população, ou não estar adequado as reais necessidades da população visada. Isto resulta que as pessoas muitas vezes não se responsabilizam por ele.

Cientes desses problemas, muitos organismos de intervenção começam a incorporar a componente participação da população local nas actividades por eles desenvolvidas. Um exemplo disso foi o seminário realizado pelas Helvetas em Matutuine, em Junho de 1998 sobre participação da comunidade na gestão de recursos, onde as comunidades foram chamadas a dar o seu contributo. Em Fevereiro de 1999, a Care Internacional fez avaliação participativa das condições de vida em algumas zonas urbanas da cidade de Maputo. Estes são apenas alguns dos exemplos que mostram a tendência do uso cada vez maior da abordagem participativa nas actividades de desenvolvimento.

A viragem na maneira de intervir nas zonas rurais, procurando incorporar a população local em todas fases do projecto, é um processo doloroso que exige tempo e paciência por parte de organismos de intervenção. Mais como muitos organismos não são autónomos, sendo muitas vezes pressionados a apresentarem resultados em curto espaço de tempo, faz com que se questione se efectivamente está-se usando métodos participativos e se estão usando, se estão fazendo correctamente.

Chambers (1995), já criticava o modo de intervenções dizendo: As pessoas de fôra tem uma visão nebulosa. Elas veêm com maior nitidez o que está bem perto. Por mais que o tratamento mude para "participação", "pesquisa participativa", "envolvimento comunitário", por aí fôra, no fim de dia temos a mesma coisa: Uma pessoa mais forte deseja modificar coisas para a pessoa que é fraca. Nunca se escapa completamente desta armadilha.

A inversão que isto implica é que os organismos de intervenção não deveriam começar pelas suas próprias prioridades (ex. procurar satisfazer apenas os doadores dos seus fundos), mas sim começar pelas prioridades dos necessitados. No entanto para quem não é rural nem pobre, o que acontece com muitas agências de desenvolvimento, não é tão fácil como parece conhecer as prioridades de quem é rural e pobre. É preciso sentar-se, perguntar e escutar- aprender com o grupo alvo. Um contacto feito as pressas distorce as impressões; as respostas às entrevistas são distorcidas, sobretudo quando os entrevistados crêem que as suas respostas poderão trazer-lhes benefícios; é preciso emergir totalmente (Chambers, 1995).

A participação camponesa na fase de diagnóstico por exemplo, não se limita em fazer calendários, transectos ou matrizes ou intervenções formais e informais. É um processo árduo no qual precisa-se investir tempo e recursos de modo a construir um diálogo apropriado entre camponeses e investigador (Pijnenburg,1998). É frequente o uso de participação sem investir tempo e recursos , apesar de se saber que os pobres que realmente se pretende atingir são difíceis de encontrar e quando se encontra geralmente não falam, ou são os últimos a falar; e quando falam são muitas vezes cuidadosos e atenciosos, e o que dizem muitas vezes não é escutado, ou é posto de lado ou negativamente interpretado. É depois de cortesias, depois de cumprido o programa planificado, depois de o investigador deixar de ser novidade que o contacto se torna mais fácil (Chambers,1995).

Como o uso de abordagem participativa em Moçambique é bastante novo e o conceito participação da população local, é um conceito muito vasto, torna-se necessário analisar o “quanto” a população na realidade participa nos projectos.

## **1.2. OBJECTIVOS DO ESTUDO**

O presente trabalho tem como objectivos:

### **1.2.1 Objectivo geral:**

➤ Avaliar as actividades desenvolvidas pela SCF-UK em Mocha e a participação dos grupos intervenientes

### **1.2.2. Objectivos específicos**

1. Descrever as actividades desenvolvidas pela SCF-UK em Mocha;
2. Analisar o grau de participação dos diferentes intervenientes nas actividades desenvolvidas;
3. Avaliar a escolha da(s) actividade(s) de intervenção;

4. Relacionar a área de intervenção, com as prioridades levantadas durante o DRP realizado em junho de 1998;
5. Avaliar em que medida a intervenção contribuiu para o aumento das capacidades e poderes dos beneficiários;
6. Identificar possíveis medidas para melhorar as intervenções.

### 1.3. QUESTÕES DE ESTUDO

#### *Focalizadas a SCF*

1. Quais são os objectivos, estratégias, actividades da SCF-UK?
2. Que actividades são desenvolvidas pela organização em Mocha?
3. Quais são os diferentes grupos intervenientes nas actividades em Mocha?
4. Como as actividades tem evoluído com o tempo e porquê estão evoluindo assim?
5. Desde quando a instituição usa métodos participativos?
6. Porquê optou por esta abordagem?
7. Qual foi o custo por actividade usando esta abordagem, e qual é a comparação que faz com o não uso desta abordagem?
8. Qual é o impacto da(s) actividade(s)?

#### *Focalizadas a população*

1. Quais são as experiências da população local com intervenções de desenvolvimento?
2. Que actividades são desenvolvidas?
3. Quais são os diferentes grupos intervenientes?
4. Como participam os diferentes grupos nas intervenções?
5. Que benefícios são tirados do projecto?
6. Quem se beneficia? Quem é prejudicado?
7. Qual é a opinião dos beneficiários?
8. Qual é a opinião dos prejudicados?
9. Qual é opinião acerca do DRP realizado em junho de 1998 e das intervenções em geral?
10. Qual é o impacto da(s) actividade(s)?

## 2. OS CONCEITOS PARTICIPAÇÃO E EMPODERAMENTO

O progresso agrícola nos países em desenvolvimento, estava baseado no início, na ideia de que a ciência daria conhecimentos e inovações necessárias, que a extensão iria transferir para os produtores (especialmente os agricultores de contacto), que são os que rapidamente adoptam as inovações. Pensava-se que após estes adoptarem, a inovação se difundiria para os restantes produtores.

Este modelo linear conhecido por transferência de tecnologia(TOT), mostrava claramente falta de espaço para um papel mais activo dos produtores para melhorar as práticas agrícolas, e também, falta de espaço para fazer uso de possíveis vantagens da participação dos produtores no desenvolvimento agrícola. Pesquisas foram mostrando que os produtores detinham muito conhecimento sobre práticas agrícolas que não devia ser menosprezado, mas sim enquadrado e combinados com os conhecimentos científicos.

Actualmente assiste-se uma mudança de concepções de desenvolvimento. A concepção de que o problema dos países subdesenvolvidos é sobretudo a insuficiência de recursos financeiros, pelo que a solução deve ser principalmente financeira (em vez de adopção pelos países pobres de programas de ajustamento estrutural), foi e continua sendo fortemente criticada. Devido a estas críticas, esta concepção está sendo progressivamente substituída pela concepção de que o problema dos países pobres se deve a falta de controlo de recursos materiais, sociais e culturais por parte da população. É neste contexto que surgem modelos alternativos, que defendem que o desenvolvimento dos países pobres passa por um desenvolvimento endógeno e autónomo (self-reliance) e pelo reforço da capacidade e poder de decisão por parte da população (empowerment) (Pinto,1998).

A necessidade de formas de desenvolvimento que se centrassem na realidade da população foram defendidas e sugeridas por diversos sectores e individualidades. Em 1968, Nyerere, então presidente da Tanzânia, dizia que o desenvolvimento rural é o desenvolvimento da população através duma aprendizagem mútua de experiências, envolvendo a própria população rural, os seus próximos, os seus recursos, agentes externos de mudança e recursos externos; a comunidade não

pode ser desenvolvida; ela somente pode desenvolver sozinha, pela participação nas decisões e nas actividades que fazem e que são feitas para ela (Groot,1996).

O conceito “participação comunitária” como tal, provavelmente é pouco conhecido por maior parte da população rural; mas, os habitantes locais tem seus próprios conceitos para ajuda mútua, cooperação, envolvimento em actividades comunitárias,...

Tradicionalmente em muitos países da África, é habitual que no início das campanhas agrícolas, as pessoas planifiquem conjuntamente o trabalho de preparação das machambas, e, entreajudem-se para que não se verifique atrasos no cumprimento do calendário agrícola. Este sistema ainda vigora em Moçambique e é conhecido por Tsimba em Changana e Macote em Sena. Quando chega altura de colheitas, cerimónias tradicionais, e quando algum membro da comunidade pretende construir a sua casa, as pessoas se organizam e fazem as coisas com êxitos extraordinários. Estes exemplos revelam que mesmo não conhecendo o termo “participação”, as comunidades já o usam a bastante tempo.

No início dos anos `70, a palavra “participativo” foi introduzida na discussão para concepção de programas e modelos de desenvolvimento como um instrumento para melhorar a eficiência e eficácia e nos últimos anos como garante de sustentabilidade. Actualmente a abordagem participativa tornou-se tão popular, o que se pode provar pelo crescente número de publicações acerca desta abordagem, e o seu amplo uso no planeamento e pesquisas de desenvolvimento (Pijnenburg,1998).

## **2.1. DIFERENTES SIGNIFICADOS E TIPOS DE PARTICIPAÇÃO**

O termo participação tem diferentes significados para diferentes pessoas. Dependendo de quem define e quem usa, qual é o fim, onde e em que contexto, quando e como, diferentes definições podem surgir. Nos anos `80 vários autores procuraram ver as várias formas em que a população era envolvida em actividades de desenvolvimento; algumas são aqui adaptadas de Biggs (1989), baseadas na participação dos camponeses nas investigações agrícolas e sumarizadas na seguinte tabela:

Tabela de tipos de participação:

Modo de participação	Objectivo
Contractual	Pesquisador(es) contrata(m) a população local para disponibilizarem terra e/ou serviços para as actividades que irão desenvolver
Consultivo	Pesquisador(es) consulta(m) a população local os seus problemas e depois desenvolve(m) soluções
Colaborativo	Pesquisador(es) e população local colaboram como sócios no processo de pesquisa
Colegial	Pesquisador(es) trabalha(m) para fortalecer as capacidades da população local

Oakley (1992) citado por Groot (1996), usou uma forma de diferenciação que distingue *participação como meio* e *participação como fim*.

*Participação como meio* implica a participação para conseguir certos objectivos pré-definidos; neste caso a participação é como um pequeno exercício. A população local é mobilizada, é directamente envolvida nas actividades, mas, a participação evapora logo que as actividades são completadas.

*Participação como fim* é um conceito completamente diferente. Aquí a participação é considerada como um processo que desdobra-se todo o tempo, e cujo o propósito é desenvolver e alargar as capacidades da população rural. Como um processo, não tem objectivos pré-determinados ou direccionados; é uma forma activa e dinâmica de participação que capacita a população rural a jogar um papel crescente nas actividades de desenvolvimento

## 2.2. EMPODERAMENTO DAS COMUNIDADES

Segundo Nici Nelson e Susan Wright (1997), o conceito de poder e a questão de como analisá-lo, tornou-se tópico central de debates nas ciências sociais desde os anos '60. A questão ficou ainda mais complicada quando associado com participação, empoderamento (empowerment em inglês)



foi introduzido, com a ideia de que alguns podem agir para outros de modo a dar-lhes poder ou capacitá-los para evidenciar o seu próprio potencial. Para que isso seja possível, defende-se a necessidade de considerar o contexto social, cultural, administrativo e político da comunidade porque as oportunidades e os obstáculos existentes numa comunidade, encontram-se misturados no contexto acima mencionado.

O empoderamento (empowerment), refere-se a habilidade de indivíduos influenciarem todas as decisões feitas a todos os níveis e todas as esferas, que afectam as suas vidas, suas capacidades e iniciativas que visam melhorar sua qualidade de vida (Lane,1997); para o empoderamento, segundo ainda o autor, a participação deve ser voluntária e deve incluir a habilidade para mudar o ambiente existente.

Nici Nelson & Susan Wright (1997), definiram o poder como uma descrição de relações e não uma "coisa" que o povo "tem", e, apresentam três modelos de poder que começaram ultimamente a ser usados para analisar diferentes aspectos de participação e empoderamento; estes modelos foram baseados em diferentes pontos de vista e várias ideias acerca de "o que é poder e como funciona".

O primeiro modelo chamado "*poder para*" ("power to"), usa o princípio de desenvolvimento das capacidades humanas; este modelo sugere que a semelhança de habilidades humanas, o poder pode crescer infinitamente se trabalhar-se para isso; mais ainda, que o aumento de poder de uma pessoa, não necessariamente afecta negativamente outra pessoa. Em resumo o modelo tem o enfoque na pessoa individualmente.

O segundo modelo de poder, foi descrito como "poder sobre" ("power over") e envolve o acesso das comunidades na tomada de decisões políticas que se fazem frequentemente em fóruns públicos; a mudança é que o grupo marginalizado ganha um tratamento igual que os outros parceiros no processo de desenvolvimento. Este modelo diferencia-se do 1º porque tem o enfoque num grupo em vez duma pessoa individualmente.

Segundo Ferguson (1990), citado por Nici Nelson & Susan Wright (1997), o terceiro modelo afirma que o poder não é um algo possuído e exercido por uma pessoa ou instituição. Poder é um conjunto de diferentes actores, discursos, instituições, que interagem invisivelmente com uma lógica que é somente aparente e procuram estabelecer mais relações dentro do estado/comunidade; este modelo chama atenção na necessidade de considerar todo o ambiente social, cultural, administrativo e político que envolve as comunidades assim como as interligações que existem entre eles.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados foi feita em três fases:

*Fase 1: Acompanhamento de treinamento sobre Diagnóstico Rural Participativo (DRP)*

Durante os dias 17 à 20 de Junho de 1998, a SCF-UK, organizou um treinamento sobre Diagnóstico Rural Participativo (DRP), que ocorreu no centro de formação agrária Chuabo Dembe que dista cerca de 5Km da cidade de Quelimane.

*Fase 2: Acompanhamento do DRP no regulado de Cocorico no Distrito de Mopeia*

O DRP aconteceu entre os dias 21 à 26 de Junho de 1998 e, foi feito por uma equipe de oito pessoas.

*Fase 3: Recolha final de dados oito meses depois de a SCF-UK ter feito um DRP em Mocha no regulado de Marruma-Mopeia:* Para esta fase foi definido um período de estadia de 15 dias na Zambézia, tendo sido entrevistadas 21 famílias da comunidade, pessoal da SCF e outros intervenientes nas actividades que a SCF desenvolve na zona de estudo.(veja anexo1-programa diário). Será mais abaixo apresentado um capítulo referente a descrição de cada fase do processo de recolha de dados

Na metodologia foram usadas diferentes técnicas de recolha de dados. Estas são principalmente técnicas qualitativas que permitem uma avaliação rápida e sistemática da situação.

As técnicas incluem:

Recolha de dados secundários:

Consistiu na recolha de informação já existente a respeito do tema a pesquisar como por exemplo o quadro sobre o modo de participação adaptado de Biggs (1989) e sumariado na tabela abaixo, cujo objectivo foi comparar os diferentes níveis de participação nas diferentes actividades. Serão apresentados para além dos quatro tipos de participação sumariados na tabela de Biggs (1989), os conceitos:

*Não houve participação:* significa que todo o processo foi elaborado e executado sem a participação do grupo alvo;

*Auto-participação:* significa que a população organiza-se por si só para desenvolver actividades que visam melhorar o seu nível de vida.

*Tabela de tipos de participação, adaptada do Biggs(1989)*

	Não houve participação	Participação contratual	Participação consultativa	Participação colaborativa	Participação colegial	Auto-participação
Definição de objectivos e prioridades						
Planificação						
Execução						
Manutenção						
Monitoria						
Controlo financeiro						

Para além da tabela foram usados os três modelos de empoderamento apresentados por Nelson & Wright (1997) para analisar o empoderamento da comunidade estudada.

Entrevistas semi-estruturadas: Foram elaborados guiões com perguntas chaves para entrevistas com o "staff" da SCF-UK, comunidade, e para outras instituições que tem ligação com a SCF-UK. Estes guiões podem ser vistos nos anexos do presente relatório (anexo2).

Entrevistas informais: Para o enriquecimento do relatório e para situações em que não era possível o uso de guiões (como por exemplo pessoas que se mostravam muito fechadas), fez-se o uso de entrevistas sem guiões.

Observações: Sempre que alguma informação dada fosse observável, recorria-se a este método. Este método foi sobretudo importante na fase 1 e 2 da recolha de dados.

Técnicas visuais (mapeamento): para o conhecimento geral da área e sobretudo para localizar dentro da comunidade, os lugares onde foram desenvolvidas as actividades.

### 3.2. MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados foi usada:

a) *Consciência de padrões (pattern matching)*- Este método envolve a junção de respostas similares, explicação das diferenças e tirar conclusões relevantes da análise das respostas (Matakala,1998)

b) *Confrontação da teoria com a realidade*: Com este método pretende-se fazer uma comparação entre as teorias aqui apresentadas por diversos autores sobre participação e empoderamento (a tabela adaptada de Biggs (1989) sobre participação; participação como meio ou como fim apresentado por Oakley (1992); e os três modelos de empoderamento de Nelson & Wright (1997)), com o que na realidade acontece na região de estudo quanto a esse respeito.

## 4. O TREINAMENTO E O DRP DE JUNHO DE 1998

### 4.1. DESCRIÇÃO DO TREINAMENTO SOBRE DRP

#### Antecedentes do treinamento

O treinamento de Junho de 1998 sobre DRP foi o segundo feito pela SCF-UK (o 1º foi em 1995 e não teve acções de continuidade). Aquando da realização do primeiro treinamento, a abordagem participativa era pouco vulgar no país e havia poucos indivíduos praticantes desta abordagem. Esta pouca existência nacional de usuários e conhecedores da abordagem participativa, aliada ao facto de que os parceiros de actividades como a Saúde, Educação ainda precisavam de ajuda da SCF-UK para actividades de emergência, contribuiu para que este treinamento não tivesse acções de continuidade. Para o treinamento de junho de 1998, a semelhança do treinamento de 1995 a SCF-UK volta a debater-se com falta de indivíduos capazes de desenvolver acções relativas a abordagem participativa. Para justificar este facto, a instituição não conseguiu encontrar facilitador para um período de 5 semanas para o treinamento de 1998 e conseguiu facilitadores disponíveis por um período de apenas 2 semanas. Esta dificuldade terá contribuído para que os objectivos do treinamento não tivessem sido bem definidos: alguns membros da instituição viam o treinamento e posteriores DRP's como uma maneira de habilitar os trabalhadores da instituição e outros participantes a usarem a abordagem participativa; outros elementos da instituição e os facilitadores do treinamento viam como uma forma de entender a comunidade para futuras intervenções.

#### O treinamento

No treinamento de junho de 1998, participaram para além do pessoal da SCF-UK, representantes de várias entidades que fazem parcerias nas actividades desenvolvidas pela SCF-UK, como a Educação, Saúde, Acção Social, Agricultura, Administração e representantes da comunidade.

Os objectivos apresentados no treinamento foram:

- Enaltecer a necessidade da participação nas intervenções de desenvolvimento;
- Demonstrar aos participantes os benefícios do uso de DRP e abordagens participativas ao traçar-se as prioridades, ao se fazer o planeamento e a implementação de projectos;
- Aumentar/realçar a capacidade dos participantes no uso de DRP e abordagens participativas.

*Aspectos notados:*

1. O número de participantes era elevado, e havia muita heterogeniedade. No total participaram no treinamento 33 pessoas, das quais algumas sem nenhum grau de alfabetização e outros com graus de alfabetização bastante elevados. Certos cursantes já tinha experiência com abordagens participativas enquanto para outros era a primeira experiência;
2. A heterogeniedade aliada ao número elevado de participantes fizeram com que os facilitadores priorizassem debates em grupo, em vez de muitas aulas em plenária. Mesmo com esta medida, ainda tornava-se difícil aos facilitadores fazerem o acompanhamento de todos grupos; conseqüentemente era difícil avaliar os aspectos de liderança e dominação dentro de certos grupos, assim como incentivar os que aparentemente menos falavam;
3. Foi constatado que tanto em plenária assim como nos grupos de trabalho, os que mais falavam (os menos inibidos), eram os mais letrados e com experiência em abordagens participativas;
4. Alguns participantes entrevistados tinham em mente que teriam um subsídio de treinamento, algo que não aconteceu. Isto terá provavelmente afectado moralmente estes indivíduos e terá afectado duma maneira não visível o decurso do treinamento;
5. O material usado como vídeo e transparentes, eram para alguns cursantes a primeira experiência, de modo que alguns deles ficavam mais preocupados em entender o mecanismo de funcionamento do equipamento, do que os assuntos que estavam sendo abordados;
6. Dificuldades em se expressarem correctamente em português por parte dos facilitadores, levava-os em alguns casos a aplicarem termos difíceis de serem entendidos (nalguns casos os termos eram falados em inglês), trazendo assim certas dificuldades de percepção nos participantes;
7. Foram feitos durante o treinamento jogos, simulações, que visavam relaxar os participantes e, procurar na medida do possível relacionar os assuntos abordados com os jogos e as simulações;

8. Não havia diferença nas refeições (todos tomavam as mesmas refeições); no entanto nos intervalos notava-se uma "ligeira" separação dos grupos de conversa segundo a sua proveniência: Os de Mopeia entre eles, os da SCF-UK entre eles,...

9. Maior parte dos participantes mostrou durante os debates um conhecimento prático de abordagem participativa bastante positivo, faltando-lhes sobretudo aspectos teóricos e técnicos;

#### 4.2. DESCRIÇÃO DO DRP

Após o treinamento, o grupo foi dividido em 4 sub-grupos para realizarem DRP's em 4 comunidades: Duas em Mopeia (Cocorico e Mocha) e duas em Morrumbala (Carico e Mepinha).

Os objectivos apresentados para os DRP's foram os seguintes:

- Proporcionar ideias das necessidades prioritárias dos adultos (homens e mulheres) e crianças (rapazes e raparigas) na comunidade;
- Descobrir a percepção local acerca do que pode ser feito para responder as suas prioridades.

Estes dois objectivos eram objectivos mais gerais dos DRP's. Para alguns membros da SCF-UK o objectivo principal dos DRP's como acima foi referido era habilitar sobretudo os seus trabalhadores e também os trabalhadores dos seus parceiros no uso da abordagem participativa.

##### *O DRP em Mocha e Cocorico*

Entre os dias 21 à 26 de Junho de 1998 realizaram-se no distrito de Mopeia 2 DRP's: Um em Cocorico e o outro em Mocha. Em Mocha a população apontou como necessidades prioritárias (SCF-UK,1998), o seguinte:

- Posto de saúde
- Fontes de água
- Uma ponte devido a problemas de transitabilidade no período chuvoso
- Educação de adultos
- Existência de comerciantes para compra dos seus produtos

Em Cocorico como resultado do DRP, foram levantados pela comunidade problemas cujo a priorização foi:

- Fome
- Posto de Saúde
- Armas para combater crocodilos e hipopótamos que matam pessoas e devastam as machambas
- Necessidade de crédito/trabalho para colmatar a fome
- Casa para professores e latrinas para a escola
- Moagem

A necessidade de crédito/trabalho assim como armas para combater crocodilos e hipopótamos foram apontados pela comunidade como medidas para resolver o problema da fome.

No Cocorico a equipe composta por 8 pessoas, chegou cerca de 17.00h de domingo (21/06/98) e instalou-se na escola local (construída pela SCF). Na altura da instalação, o régulo já se encontrava no local, em estado de embriaguez. Depois da arrumação das bagagens seguiu-se a conversa com o régulo. O régulo começou por pedir credencial e ameaça que caso não se apresentasse credencial não se faria trabalho e a equipe toda estaria presa. Se a equipe tentasse fugir ele mandaria partir os vidros dos carros e baterem nas pessoas. " *As tantas vocês tem intenções de matar a minha população. Quem sabe se não trazem armas nas vossas bagagens. Aquí se vocês não se identificam não há trabalho e estão todos presos*".

Como a equipe não tinha credencial, procurou-se acalmar o régulo explicando detalhadamente quem era a equipe e quais eram os objectivos que levou-a para o regulado. O régulo acalmou-se, sorriu e disse: " *Estava a brincar convosco; é preciso ameaçar um pouco para terem respeito. Vocês que vem de fôra não tem respeito; gostam de brincar connosco. Vem aquí chateiam-nos e vão embora sem fazer nada. Passou aquí outro grupo prometeu-nos tantas coisas e nunca mais voltou. Outros são estes que construíram esta escola; como constroem escola sem casas de banho e casa de professor? Onde vão as crianças fazer necessidades? Onde vai viver o professor? Isto não é brincar connosco?*"



Passado este episódio pediu-se uma reunião com a população para o dia seguinte. No encontro as pessoas estiveram animadas, respondendo com muito vigor as questões que eram colocadas, e, fazendo com paciência os mapas e os calendários sazonais que a equipe pedia que fossem feitos.

Quando estava-se em pleno encontro, apareceu um membro da comunidade e colou numa das paredes uma estampe da Renamo. Isto foi feito porque alguns membros da comunidade conotavam a presença da equipe como mandatada pela Frelimo para fazer propaganda; referenciar que a região de Cocorico foi largo tempo ocupada pela Renamo, e sofre forte influência deste partido.

O número de pessoas no início era baixo, tendo aumentado com o andar de tempo e diminuído novamente quase no fim do encontro. As mulheres estavam sentadas dum lado separado dos homens. Na altura em que a equipe chegou a população padecia de fome; como consequência investia mais tempo na procura de alimentos para as famílias e nas machambas. Essa terá sido provavelmente a razão número um de fraca afluência nas reuniões tidas.

Na despedida do encontro um membro da equipe fez uma comparação do desenvolvimento com hérnea dizendo: "*O desenvolvimento dum zona é como hérnea; aparece aos poucos. Por isso não pensem que os problemas serão resolvidos dum só vez*". Foi um bom exemplo mais num momento e lugar errado, porque havia na reunião, pessoas com hérnea (incluindo o sapanda). Este exemplo criou um certo mal estar no seio dos participantes.

Da conversa tida com o régulo e com o sapanda Nhassuimbo (o sapanda responsável pela zona onde a equipe esteve instalada), ficou a impressão de haver entre os dois, um conflito de poder. O régulo afirmara que iria despromover o sapanda pelo facto dele andar com mulheres dos outros, e por não saber resolver problemas. Por seu turno o sapanda afirmou que antes do actual régulo, ele foi o régulo da zona. Por este motivo o actual régulo acha que o sapanda continua a actuar como régulo, não prestando-lhe contas.

Alguns membros da comunidade assim como fumos entrevistados acham o régulo arrogante e que pouco faz para o bem da comunidade." *Repare que desde que ele é régulo a três anos, nunca*

*reuniu-se com a comunidade para falar dos problemas; ele sabe que as pessoas estão a ser comidas com crocodilos e não faz nada"*- desabafo dum membro da comunidade.

Dentro da equipe notava-se uma falta de coesão e falta de moral para trabalhar em certos elementos. Exemplo disso é que algumas vezes quando chegava altura do grupo analisar os dados colhidos, as pessoas ou não estavam ou estavam apenas fisicamente não detalhando a informação colhida. Por outro lado, devido sobretudo a inexperiência neste tipo de actividades, alguns membros não recolhiam a informação que foram previamente indigitados dentro do grupo para fazerem. Quando recolhiam, a informação era muitas das vezes incompleta. O fraco grau académico de muitos participantes terá contribuído para que isto acontecesse. Alguns membros da equipe entrevistados depois do DRP, afirmaram não terem gostado do chefe da equipe." *Se tivessem-me dado a oportunidade de escolher onde trabalhar, escolheria outro sítio*". Isto também pesou para a coesão da equipe.

Um aspecto que também marcou bastante o DRP foi a água que a equipe esteve a consumir. A equipe esteve a beber água mineral enquanto a cerca de 10 metros existe uma bomba de água que a própria SCF instalou. Apesar de ser um aspecto difícil de contornar (porque dum lado não queremos que alguém da equipe fique doente por consumo de água), este tipo de atitude cria um certo distanciamento na convivência com a comunidade.

Os aspectos acima apresentados referem-se ao DRP acompanhado em Cocorico, e constituiu a segunda fase de recolha de dados. Oito meses depois fez-se a última fase de recolha de dados, que em princípio devia ser em Cocorico, mas, devido a problemas de acesso acabou sendo feita em Mocha, zona que também acolheu um DRP em junho de 1998 e que abaixo passa-se a descrever.

## **5. DESCRIÇÃO DA ZONA**

### **5.1. HISTORIAL DO NOME**

Charunda, mais conhecido por Mocha, é uma comunidade que faz parte do regulado de Marruma, que dista a 13km da sede do distrito de Mopeia. Na estrutura administrativa, Charunda é um dos sapandas subordinado ao régulo Marruma. Em regiões onde reina o sistema tradicional de administração, geralmente os nomes dos povoados/comunidades correspondem aos nomes dos régulos, sapandas e fumos, o que é o exemplo deste caso. No entanto esta comunidade (de Charunda), é mais conhecida por Mocha, um nome com a seguinte história: Há muito tempo atrás existiu na comunidade, um grande caçador, que sempre que voltava da caça trazia grandes quantidades de carne e distribuía as pessoas dizendo em dialeto: Mocha (em português = vai assar), e daí ele e a comunidade passaram a ser mais conhecidos por Mocha do que por Charunda.

### **5.2. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA**

Na Comunidade de Mocha não existe estrutura administrativa formal; a estrutura existente é a informal que é constituída por régulo, sapandas e fumos. (anexo3)

Os conflitos são resolvidos pelo sapanda em coordenação com um grupo de conselheiros (TUBO); se não consegue resolvê-los estes são encaminhados ao régulo, e a última instância é a polícia da sede do distrito. Os problemas típicos resolvidos a nível da comunidade são o roubo, feitiçaria e desavenças familiares (como o adultério).

### **5.3. LIMITES GEOGRÁFICOS**

Mocha tem como limites ao norte o povoado de N'sende, a sul o povoado de Nhalubanga, a este está a estrada que liga Mopeia a Zero e a oeste está o povoado de Nhangá.

#### **5.4. ACONTECIMENTOS SIGNIFICATIVOS DA COMUNIDADE**

Foram identificados pela comunidade os seguintes acontecimentos:

1. Crocodilos e leões que matavam pessoas no tempo colonial e logo após a independência
2. 1979- morte dos leões que matavam as pessoas
3. 1985- entrada da Renamo em Charunda
4. 1986- regresso obrigatório da população a zona feita pela Renamo
5. 1987- recuperação da zona pela Frelimo
6. 1998- cheias, fome, malária e diarreias que afectaram a zona

#### **5.5. INSTITUIÇÕES DO GOVERNO E OUTROS AGENTES NA COMUNIDADE**

O governo é representado sobretudo pelos sectores de Educação, Saúde, Acção Social e Agricultura, que têm desenvolvido actividades na comunidade. As outras instituições que actuam na comunidade são a SCF-UK que construiu uma escola, um poço de água e actualmente está a actuar no repovoamento de caprinos; a Visão Mundial que construiu poços e actualmente faz a monitoria destes poços; o HPI (Heifer Project International) que actua em parceria com a SCF-UK no repovoamento de caprinos.

#### **5.6. INFRA-ESTRUTURAS**

Na comunidade existem:

- Quatro (4) furos de água, dos quais um foi construído pela SCF-UK e os restantes pela Visão Mundial;
- Uma (1) escola de ensino primário do primeiro grau (EP1), construída pela SCF-UK;
- Igrejas; as religiões mais professadas são a católica e a protestante.

### 5.7. RECURSOS

1. Terras férteis: A região é uma planície fértil onde os rendimentos no caso de milho atingem 1.5 toneladas sem uso de nenhum insumo externo e usando instrumentos agrícolas rudimentares, como a enxada, catana;
2. Águas: A região tem dois rios e algumas lagoas onde se pratica a pesca, e nas margens pratica-se a agricultura sobretudo a cultura de arroz;
3. Peixe: Nos rios acima mencionados faz-se a pesca, usando-se redes de pesca, anzóis e armadilhas conhecidas por “Khonga”;
4. Floresta e Fauna: Existem na comunidade consideráveis extensões de floresta, onde a população retira lenha, material de construção; existem ainda animais como coelhos, ratazanas, gazelas, impalas que membros da comunidade caçam.

### 5.8. ACTIVIDADES ECONÓMICAS

*Agricultura-* A agricultura constitui a actividade principal da população; é praticada em todo o ano, e, as machambas situam-se em redor das casas e nas margens dos rios e lagoas. As principais culturas são o milho, o arroz, feijão-nhemba, cana-de-açúcar, batata-doce, mandioca;

*Pesca-* A pesca é praticada sobretudo quando o nível de águas sobe nos rios e lagoas (na época chuvosa); segundo os entrevistados essa é a altura em que se apanha muito peixe. Da pesca tira-se diverso tipo de peixe que depois é vendido ao nível da comunidade (quando fôr pouco), ou é vendido na sede do distrito, quando as quantidades são maiores;

*Fabrico de bebidas tradicionais-* esta actividade é praticada tanto por homens assim como por mulheres; existe grande produção de cana-de-açúcar que é usada para o fabrico das bebidas. As bebidas comuns são a “nipa”( aguardente) e a “cabanga” (uma espécie de xibuko). A aguardente é sobretudo vendida na sede do distrito;

*Criação de animais*- No geral todas casas tem galinhas; existem também cabritos, sobretudo os que são do programa de repovoamento ora em vigor, levado a cabo pela SCF-UK e o HPI; algumas famílias tem também pombos, patos e porcos. Por falta de mercado local, os animais são vendidos na sua maioria na sede do distrito, excepto em algumas ocasiões quando aparecem visitantes na comunidade, ou quando algum membro da mesma comunidade está interessado;

*Trabalho ocasional*- Em certos períodos do ano alguns membros fazem trabalhos nas machambas doutros mediante pagamentos ou outros trabalhos remuneráveis, dentro ou fora da comunidade;

*Trabalho formal*- Existem membros da comunidade que têm emprego formal como guardas, cozinheiros ou em obras de construção na sede do distrito;

*Curandeirismo*- É uma actividade praticada por ambos sexos; uma consulta custa 10000,00mt, e o preço de tratamento depende da doença; as doenças mais tratadas são as que tem relação com feitiçaria;

*Exploração florestal*- Nas florestas faz-se o corte de estacas para construção, lenha, que são depois vendidas sobretudo na sede do distrito; de referir também que nas florestas faz-se a caça que é também uma actividade económica para alguns membros da comunidade.

## **6. DESCRIÇÃO DO PROJECTO**

### **6.1. HISTORIAL DA SCF-UK**

A SCF-UK, foi fundada em 1919 no Reino Unido, pela senhora Eglantyne Jebb, e, é uma das principais organizações internacionais de apoio as crianças. A ideia de colocar a criança em primeiro lugar sem ter em conta a sua nacionalidade, raça, etnia, origem ou crença foi inspirada pelo desejo de fazer alguma coisa pelas crianças desprotegidas, depois da senhora Jebb ter presenciado os efeitos da primeira guerra mundial (1914-1918) nas crianças. Em 1923, a senhora Jebb esboçou uma declaração sobre direitos da criança, que em 1924 foi adaptada pela liga das nações. Apartir dessa data, a declaração deu origem aos objectivos e acções da SCF-UK. Em 1989, a declaração sobre os direitos da criança tornou-se parte da lei internacional, a pedra angular da convenção sobre os direitos da criança (CDC) das Nações Unidas.

Actualmente a SCF-UK opera em mais de 50 países do mundo, defendendo os direitos e bem estar das crianças e jovens. Os fundos da organização provêm de donativos voluntários doados pelo povo Britânico, pelas empresa, pelos doadores internacionais, bem como pelas organizações das nações unidas, união europeia e governos.

### **6.2. OBJECTIVOS GERAIS DA SCF-UK**

Segundo a SCF-UK constituem objectivos da Instituição:

- Defender os direitos da criança e torna-los realidade;
- Promover o respeito e valorização da criança;
- Criar esperanças e oportunidades para a criança desenvolver as suas capacidades;
- Construir juntamente com a criança um mundo melhor para a presente e futuras gerações.

### **6.3. A SCF-UK EM MOÇAMBIQUE**

A SCF-UK, opera em Moçambique desde 1984. O primeiro trabalho que fez foi de destacar um médico seu para o Ministério da Saúde com o objectivo de dar assistência ao programa nacional de Imunização. Nesse período a SCF procurou mobilizar recursos e experiências existentes no país para construir um futuro mais brilhante para as crianças moçambicanas. Pelo sucesso da intervenção na Saúde, o Ministério solicitou outras ajudas técnicas para vários aspectos da política de desenvolvimento, e implementação de programas dentro do seu sector.

Durante o período de acção da SCF-UK no Ministério da Saúde, ficava cada vez mais claro que, se os recursos fossem alocados a nível provincial, o impacto seria maior. Assim sendo, a organização escolheu a província da Zambézia para desenvolver as suas actividades. A SCF-UK começou a operar na Zambézia em 1985 e foi uma das primeiras organizações não governamentais a operar nesta província. A primeira actividade foi a de colocar técnicos e consultores nalguns sectores do governo, em particular na Saúde e Acção Social, e mais tarde a assistência foi dada a Educação. Em 1998, a SCF-UK abriu escritórios na cidade de Inhambane com vista a desenvolver trabalhos nesta província.

### **6.4. OBJECTIVOS DE INTERVENÇÃO DA SCF-UK EM MOÇAMBIQUE**

Quando a SCF-UK começou a actuar em Moçambique, não tinha objectivos bem definidos; O objectivo era mais geral: Ajudar a criança. Daí que tenha desenvolvido actividades em várias áreas, como será referenciado no capítulo sobre actividades desenvolvidas. Este aspecto é justificado pelo facto de a organização ter começado a actuar numa altura de emergência; isto implicava actuar em várias áreas porque estas actividades afectavam o nível de vida das crianças, que são o seu grupo alvo.

### **6.5. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO EM MOÇAMBIQUE**

Desde a sua implantação em Moçambique, a estratégia de actuação da SCF-UK tem sido a de criar parcerias com sectores do governo que tem actuação ou contacto directo com a criança,



como são os casos de Educação, Saúde e Acção Social, que são até agora os seus maiores parceiros. Esta estratégia tem sido vista pela organização como um mecanismo para maior aproximação ao governo, o que pode permití-la influenciar as políticas que são traçadas e que directa ou indirectamente podem afectar a criança. Porém, estas parcerias mostram que as instituições do governo foram/são sobretudo agentes passivos, receptores de doações e actividades feitas pela SCF.

## 6.6. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOÇAMBIQUE

A SCF-UK tem desenvolvido as suas actividades sobretudo na província da Zambézia; no início como foi acima referenciado, a organização pautava por assistir alguns sectores do governo. Apartir de 1987 a organização começou a envolver-se directamente nas actividades, criando delegações nos distritos de Milange, Gilé, Chinde, Morrumbala e Mopeia. Nestes distritos desenvolveu actividades de construção e reabilitação de infraestruturas sociais (escolas, hospitais, maternidades e casas de acção social). Actuou também em actividades de fornecimento de água potável através de abertura de furos de água, reabilitou algumas estradas e pontes, forneceu instrumentos agrícolas e sementes. Ajudou a acção social na localização e enquadramento de crianças desamparadas e em situação difícil, fez distribuição de alimentos na época de emergência, ajudou a pequena indústria (latoeiros, pescadores, alfaiates, reparadores de bicicletas,...), e actuou e continua a actuar na capacitação de professores, pessoal da saúde e da acção social.

Entre 1991 e 1992, a organização encerrou as suas actividades nos distritos de Milange, Chinde e Gilé por motivos de reestruturação dos programas, ficando a operar nos distritos de Morrumbala e Mopeia onde actua até agora. Em 1995 e 1998 realizou treinamentos sobre intervenções participativas e também DRP's em Morrumbala (1995) e Morrumbala e Mopeia (1998).

De 1996-1997, as actividades na Educação em vez de serem as de construção e reconstrução das escolas, passaram a ser mais concentradas em:

1. Sensibilização no sentido de dar mais atenção e acesso a criança portadora de deficiência;

2. Sensibilização sobre HIV/SIDA; para permitir maior compreensão por parte dos professores e alunos acerca desta doença;
3. Aspectos de género; para consciencializar os professores a terem em conta este aspecto durante o seu trabalho;
4. Divulgação dos direitos das crianças nas escolas;
5. Criação de comités de ligação escola-comunidade (LEC); nesta actividade a SCF-UK ajudou a formação de 6 comités de LEC em mopeia e 6 em morrumbala.

Na saúde começou a concentrar em programas alargados de vacinação (PAV), na capacitação dos quadros distritais e no fornecimento de meios materiais.

Na acção social a ênfase continua a ser a identificação de crianças em situação difícil e também a capacitação dos quadros distritais deste sector. As restantes áreas de actuação passaram para o segundo plano.

## 6.7. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOCHA

### a) *Abertura de furo de água (1994)*

Para a abertura do furo de água, a SCF-UK pediu primeiro um encontro com a comunidade, para mostrar-lhes o interesse de abrir um furo de água no pátio da escola. A comunidade devia indicar dentro do pátio, o sítio onde devia ser feito o furo. Escolheu-se o lugar e a SCF-UK usando os seus próprios trabalhadores, fez a abertura do furo da água. Terminado o trabalho, fez-se a entrega da fonte à escola e a comunidade para que cuidassem dela. A SCF-UK pediu para que se formasse um comité de quatro pessoas para supervisão e controle do furo. Formou-se o comité e ficou decidido pela comunidade que o acesso a água daquela fonte seria mediante o pagamento mensal de mil meticais por família. Este dinheiro é destinado a compra de peça(s) em caso de avaria da bomba.

b) *Construção de escola de EPI (1996)*

Antes da construção da escola, as crianças estudavam numa escola feita de material local. Após a Direcção Distrital de Educação de Mopeia ter apresentado a SCF-UK o seu plano de construção e reconstrução de escolas ao nível do distrito, a SCF-UK foi ao régulo e mostrou o seu interesse em construir uma escola de material convencional para substituir a de material local. Pediu-se para que a comunidade participasse nesta construção como mão de obra remunerável. Introduziram um sistema de quatro grupos, para trabalhar cada grupo uma semana, num sistema rotativo durante o mês. O pagamento era feito ao grupo logo após o término das actividades semanais. Na obra participaram tanto homens como mulheres. As mulheres faziam sobretudo a busca de água e carregamento de areia, enquanto os homens estavam mais nas actividades de pedreira, carpintaria e fabrico de blocos.

c) *Programa de repovoamento de caprinos (1997)*

A SCF-UK entra neste programa como parceira do HPI, que já vinha desenvolvendo esta actividade noutros distritos e pretendia alastrar para Mopeia. Como não desenvolvia nenhuma actividade neste distrito, pediu a SCF-UK que já vinha actuando no distrito a tempo para que fosse sua parceira.

Actualmente neste programa estão formados a pedido da SCF-UK e do HPI três (3) grupos de trinta pessoas cada, dos quais em cada grupo, quinze elementos receberam de imediato três fêmeas e um macho cada elemento, enquanto os restantes quinze de cada grupo ficam a espera de serem passados os animais quando se reproduzirem. De referir que esta é a actividade que está em vigor em Mocha. Para esta actividade, estava planeado para além de distribuição de caprinos, a formação veterinária dos beneficiários e a sua assistência em medicamentos. O período de duração inicialmente previsto era de 3 anos (a terminar em julho de 1999), findo o qual todo o grupo de 30 pessoas deverá ter recebido os animais.

Para além destas actividades de fins tangíveis a SCF-UK tem participado através de meios humanos e de transporte em programas alargados de vacinação que decorrem anualmente em todo o distrito (incluindo Mocha), participa também na capacitação de professores (um dos professores entrevistados em Mocha foi capacitado com financiamento da SCF-UK). Participou na formação do comité de água e no comité de ligação escola-comunidade, e tem trabalhado em coordenação com a acção social na identificação de crianças em situação difícil.

*d) Diagnóstico rural participativo(1998)-* O DRP acontecido em Mocha foi assunto descrito no capítulo 4 do presente relatório e será mais adiante focado no sub-capítulo 6.5.

## **6.8. GRUPOS INTERVENIENTES NAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MOCHA**

Nas actividades desenvolvidas pela SCF-UK foram identificados como envolvidos:

- Pessoal de escritório da SCF-UK(Maputo, Quelimane e Mopeia)
- Pessoal de campo da SCF-UK
- Administração do Distrito de Mopeia
- Direcção Distrital de Educação de Mopeia
- Direcção Distrital de Saúde de Mopeia
- Direcção Distrital da Acção Social de Mopeia
- HPI
- Comunidade de Mocha

## **6.9. PAPEL DE CADA GRUPO INTERVENIENTE**

- *Pessoal de escritório da SCF-UK:* O pessoal de escritório a que se refere, representa o "staff" da organização e todo o pessoal que é mais ligado com questões administrativas da mesma. Este pessoal intervém através de decisões que são tomadas e que devem ser executadas pelo pessoal de campo (casos de actividades a serem desenvolvidas nas comunidades, os orçamentos destas actividades, o calendário de execução); paralelamente a isso, o pessoal de escritório faz contactos de parcearia, e o "staff" faz a monitoria e o controlo periódico das actividades desenvolvidas na

comunidade;

- *Pessoal de campo da SCF-UK*: A actividade em que a SCF-UK tem pessoal de campo em Mocha, está ligada ao repovoamento de caprinos, que é a única actividade ora em curso; para esta actividade a organização dispõem de uma trabalhadora (que chamam de extensionista), que em colaboração com um outro trabalhador da HPI (referida acima como parceira da SCF-UK no repovoamento), fazem visitas periódicas a comunidade procurando acompanhar o processo;

- *Administração do Distrito*: A administração intervem na medida em que nenhuma actividade pode ser desenvolvida ao nível do distrito sem o seu conhecimento; por outro lado, em relação a SCF-UK, a administração cedeu a casa onde funcionam os seus escritórios em Mopeia, donde partem as equipas que fazem trabalhos nas comunidades. Não existe estrutura administrativa formal implantada em Mocha, de maneiras que não foi possível avaliar a administração e a sua intervenção a este nível;

- *Direcção Distrital de Educação*: Quando a SCF-UK começa a operar em Mopeia, a Direcção de Educação apresenta-a o seu plano de acção que incluía a reabilitação, construção de escolas e o equipamento das mesmas. A SCF desenvolveu estas actividades, tendo construído 19 escolas (2 em fase de conclusão), reabilitado 3 escolas e actualmente encontra-se envolvido na construção dum lar internato em Mopeia. Em termos de equipamento a SCF-UK disponibilizou cerca de 464 carteiras que foram distribuídas por 13 escolas. Especificamente para Mocha, a Direcção de Educação, representa o governo que tem a missão de colocar professores, fazer o pagamento dos vencimentos afectos na escola construída pela SCF-UK, assim como zelar pelo bom funcionamento da mesma;

- *Direcção Distrital de Saúde*: A Direcção de Saúde tem recebido da SCF-UK, apoio institucional, material e de transporte. Neste apoio, conta a doação de colchões, cursos de capacitação do pessoal e participação directa da SCF-UK em campanhas de vacinação (que chegam até Mocha), usando o seu pessoal e seus meios de transporte. O responsável distrital pelo programa alargado de vacinação (PAV) em Mopeia, é um técnico da SCF-UK;

- *Direcção Distrital da Acção Social*: A parceria Acção Social-SCF-UK é mais focalizada na identificação e enquadramento de crianças desamparadas e apoio a famílias vulneráveis; a título de exemplo, duas senhoras que receberam cabritos dentro do programa de repovoamento em Mocha, foram identificadas pela Acção Social como vulneráveis, e enquadradas pela SCF-UK no programa;

- *HPI*: O HPI é o parceiro da SCF-UK no programa de repovoamento caprino em curso no Mocha. A aquisição de cabritos, de medicamentos e a formação de agentes veterinários da comunidade (que segundo os planos apresentados devia ser feita em 3 fases, cujo a primeira foi em Dezembro de 1998), é da responsabilidade desta instituição;

- *Comunidade*: Todas actividades desenvolvidas em Mocha, têm a população local como um dos intervenientes. A intervenção da comunidade pode ser directa, como no caso da construção da escola, ou indirecta quando apenas é informada sobre algo a decorrer na comunidade.

## 6.10. EVOLUÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

A SCF começou com actividades de emergência como a distribuição de alimentos, instrumentos agrícolas, sementes, passando para um período de reabilitação; neste período esteve envolvida sobretudo na construção, reabilitação de infra-estruturas sociais (escolas, hospitais), e recomposição do tecido social (através de localização e reintegração de crianças desamparadas). Em Mocha, as actividades desenvolvidas foram feitas sobretudo no âmbito de emergência, tendo-se dado pouca ênfase a programas de desenvolvimento. Apartir de 1998, a organização entrou num processo de reflexão e redefinição de actividades a desenvolver. Isto surge pelo facto de a organização ter notado que as acções eram desenvolvidas para a criança (seu grupo alvo), sem no entanto incorporá-la no planeamento e implementação destas actividades. Por outro lado pretende-se identificar áreas e acções concretas que atinjam numa forma visível a criança. Consta como uma das novas filosofias de trabalho dentro da organização, a incorporação da criança nas fases de pesquisa (por exemplo envolver a criança para recolher informação sobre necessidades e prioridades de outras crianças), e a consciencialização das comunidades e dos seus parceiros acerca dum SCF-UK virada agora para o desenvolvimento e que deixa para atrás os programas

de ajuda de emergência. Esta nova visão da instituição é bastante positiva no sentido de que há necessidade de tirar da população e dos parceiros a imagem de que a SCF-UK é apenas uma instituição de apoio, e pelo facto de querer olhar mais especificamente para a criança. O problema que existe é que a instituição levou bastante tempo para chegar a mudança, e estas mesmas mudanças estão sendo lentas demais. Esta lentidão justifica-se pelo facto de ser difícil dum momento para outro a instituição virar a sua maneira de intervir. As comunidades assim como a própria SCF-UK estão habituadas a intervenções de emergência e para mudar este tipo de pensamento requer-se tempo e um grande trabalho.

#### 6.11. USO DA ABORDAGEM PARTICIPATIVA PELA SCF-UK

Como parte integrante da sua metodologia de trabalho, a abordagem participativa começou em 1995, quando organizou o primeiro curso de treinamento sobre intervenções de desenvolvimento participativo e realizou também o primeiro DRP. Um segundo treinamento aconteceu em 1998 (vide descrição do treinamento). A introdução da abordagem participativa nos seus métodos de trabalhos surge do reconhecimento de que, com o fim da guerra e o reassentamento da população, as suas prioridades terão mudado o que tornava necessário ver as mudanças ocorridas nas comunidades. Outro motivo é que a organização pretendia passar a ser um "facilitador" no processo de desenvolvimento, em vez de "fazedor". Apesar de a instituição usar a abordagem participativa desde 1995, as actividades desenvolvidas em Mocha depois de 1995, continuaram sendo maioritariamente traçadas sem a participação da comunidade (como o caso de repovoamento pecuário em 1997), o que é um contraste à abordagem participativa que a instituição diz estar a usar.

Os DRP's feitos tanto em 1995 assim como em junho de 1998 não tiveram acções de continuidade junto as comunidades; a instituição fez os levantamentos nas comunidades e parou por aí. Isto sugere que a grande força dentro da instituição, é a que viu os DRP's sobretudo como uma forma de habilitar os seus trabalhadores a usar a abordagem participativa e não propriamente como forma de conhecer a comunidade para futuras intervenções.

Sobre os passos a seguir com o uso da abordagem participativa, a SCF-UK diz que esta continuará a ser a sua forma de intervir nas comunidades. Para o melhor uso desta abordagem a instituição encontra-se numa fase de reestruturação e uma das apostas é criar uma equipe interna de DRP e um sector de Pesquisa e informação (SCF-UK,1998). Em relação ao "feed-back" junto as comunidades a instituição diz ser apenas uma questão de tempo; logo após a reestruturação voltará as comunidades. No entanto a instituição pretende direccionar os próximos DRP's ao seu grupo alvo (crianças e jovens) e não a comunidade em geral como foram feitos os anteriores DRP's.

#### **6.12. CUSTOS DE USAR A COMUNIDADE NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA**

A actividade desenvolvida pela organização em que procurou-se envolver directamente a população e que a organização conseguiu avaliar os custos mais facilmente, foi a de construção e reconstrução de escolas. Como atrás foi referenciado, no início procurou-se formar grupos dentro da comunidade que trabalhavam mediante remuneração; cada grupo trabalhava uma semana, finda a qual era pago e semana seguinte entrava outro grupo. Segundo a organização, a experiência mostrou que este método de trabalho acarretava mais custos e mais tempo pelo que foi abandonado.

A SCF-UK diz que a tendência das pessoas era de atrasar o trabalho, porque atrasando o trabalho teriam mais dias de trabalho, e, conseqüentemente mais remuneração. A tendência das pessoas atrasarem com o trabalho está ligado a forma como a população foi usada nestas actividades. A participação com pagamentos fará sempre as pessoas atrasarem o trabalho como forma de obterem mais remuneração.



## **7. REACÇÃO DA COMUNIDADE ÀS INTERVENÇÕES**

### **7.1. EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE COM INTERVENÇÕES**

Em termos de intervenções, a comunidade de Mocha teve a primeira experiência em 1993, quando um grupo que a comunidade já não recorda o nome, passou por algumas casas fazendo o levantamento dos problemas. Em 1994, a comunidade conheceu a SCF-UK que entrou para construir o furo de água. O terceiro contacto com grupos de fora foi em 1996; a SCF-UK em parceria com o HPI, entraram na comunidade para informar-lhes que tinham gado caprino para ser distribuído a famílias interessadas. As famílias interessadas iriam receber treinamento sobre a criação de caprinos e seriam recomendadas a construir currais melhorados (currais com elevação, em que os animais não pisam o chão). A quarta intervenção foi em 1996 através dum DRP feito pelo INDER. Ainda em 1996 a SCF-UK entrou na comunidade para construir uma escola. Em 1997 volta a SCF-UK e o HPI para implementarem o repovoamento pecuário. A Visão Mundial entra também em 1997, com projecto de abertura de furos de água. A semelhança do que a SCF-UK fez, a população apenas indicou os lugares para a feitura dos furos; a Visão mundial contratou a Geomoc de Tete que fez o trabalho com o seu próprio pessoal. A última intervenção foi o DRP realizado pela SCF-UK em Junho de 1998, cujo detalhes serão dados no sub-capítulo 6.5.

### **7.2. IMPACTO DAS ACTIVIDADES**

A actividade que mostrou maior impacto segundo os entrevistados foi a de montagem de bomba de água. A Direcção de Saúde confirma (apesar de não ter dados registados), que o número de doentes provenientes de Mocha com doenças hídricas (diarréias, sarna, desinteria, bilhargiose), reduziu bastante após a montagem das bombas de água.

Quanto a escola; os dados da Direcção de Educação, mostram um aumento do número de alunos desde a construção da escola (vide tabela da evolução escolar em Mocha). A construção da escola criou habilidades de carpintaria, pedreira e fabrico de blocos em alguns membros da comunidade que participaram. Alguns entrevistados afirmam que, pelo facto de a escola dispôr de carteiras e ser de alvenaria, os filhos já não sujaram muito a roupa como anteriormente e a vontade dos filhos

irem para escola aumentou.

Quanto ao programa de repovoamento: Os 3 grupos acima mencionados receberam em 1997 um total de 180 cabeças de caprinos (60 por cada grupo para beneficiar em princípio 15 elementos de cada grupo; cada elemento dos 15 recebera 3 fêmeas e um macho). Esperava-se e estava planeado que após 2 anos (até junho de 1999), o primeiro grupo que recebera os animais tivesse passado os 4 animais recebidos, aos outros membros do grupo e dado um animal de juro. Apartir desta data (junho de 1999), o segundo grupo deveria começar também a passagem dos animais a outros grupos a serem formados dentro da comunidade. No entanto até altura de recolha dos presentes dados (Março, 1999), apenas 4 elementos dos 45 que receberam, tinham feito a passagem completa, encontrando-se os outros no início do processo; portanto o impacto não é o que era o desejado. Alguns beneficiários que nunca tinham tido experiência anterior de criação de caprinos, disseram ter aprendido a cuidar de caprinos, para além de alguns que disseram ter aprendido algo relacionado com a veterinária (aplicação de injeção, identificar apartir de sintomas o tipo de doença que o animal tem).

O comité de ligação escola-comunidade realiza deficientemente as suas actividades. Logo após a formação do comité, havia reuniões periódicas, e o comité responsabilizava-se em reunir membros da comunidade para actividades de limpeza ao pátio da escola (ex. corte de capim,...), o que actualmente já não acontece. O comité de água continua a trabalhar normalmente fazendo a actividade para a qual foi concebida: cobranças mensais aos utentes da bomba e fiscalização da mesma.

### **7.3. BENEFÍCIOS E BENEFICIÁRIOS DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS**

Da intervenção da SCF os entrevistados na comunidade acham que foram benéficas todas as actividades desenvolvidas:

**1. Furo de água:** O furo feito pela SCF, foi o primeiro dos quatro que actualmente existem na comunidade (os outros três foram feitos pela Visão mundial em 1997). Consideram como um benefício, porque segundo eles, o furo ajudou em parte na redução do consumo de água dos rios e das lagoas que nalguns casos provocavam doenças diarréicas. Foram apontados como os mais

beneficiados pelo furo, as famílias que moram próximas e as crianças na escola. Foram identificados como os que menos se beneficiam não só deste furo assim de outros furos, as famílias que moram noutra margem do rio Ntiade; as bombas estão só numa margem (vide anexo 4-mapa de Mocha). Outros que menos usam os furos são as velhas e os deficientes que vivem sozinhos; estes por causa das distâncias até as bombas preferem fazer seus poços ou beber das lagoas e rios que estão mais próximos das suas casas; citou-se famílias sem capacidade de pagamento, que também recorrem a rios e lagoas.

2. **Escola:** Entrevistados afirmam que a escola é um benefício para todos membro da comunidade. *"com a construção da escola todos ganhamos; os nossos filhos já não sujam a roupa como antes porque tem onde sentar. Antes as crianças sentavam no chão e gastávamos muito dinheiro com compra de sabão"*. Os preços das matrículas (1000,00mt para a primeira classe e 5000,00mt para 2ª a 4ª classes são considerados acessíveis), o que reforça a ideia de que a escola é um benefício para todos. *"quem não manda a criança para a escola é porque quer. Já temos uma boa escola e o preço é acessível para todos"*. Por outro lado o número de alunos, segundo dados apresentados pela Direcção de Educação Distrital (tabela abaixo), aumentou significativamente.

*Tabela da evolução escolar em Mocha*

<i>Ano</i>	<i>Classe</i>	<i>Fim do ano (total alunos)</i>	<i>Total aprovados</i>	<i>Percentagem</i>
1995	1ª	56	29	51.7
	2ª	20	12	60
1996	1ª	46	28	60.8
	2ª	30	21	70
1997	1ª	62	29	42.7
	2ª	39	22	56.4
	3ª	25	17	68
1998	1ª	58	30	51.7
	2ª	37	15	40.5
	3ª	26	18	69.2
	4ª	24	12	50

**3. Programa de repovoamento de caprinos:** Segundo os entrevistados os cabritos constituem um dinheiro guardado que pode ser usado a qualquer altura, conforme as circunstâncias. Em termos de beneficiários são abaixo apresentados os dados referentes aos três grupos :

*1. Grupo Igreja católica de Mocha*

Nº total	Nº de beneficiários	Beneficiários religiosos	Beneficiários não religiosos	homens	Mulheres	Viúvas	Solteiras	Deficientes
30	15	13	2	15	0	-	-	1

*2. Grupo Igreja Água Viva*

Nº total	Nº de beneficiários	Beneficiários religiosos	Beneficiários não religiosos	Homens	mulheres	Viúvas	Solteiras	Deficientes
30	15	11	4	11	4	2	2	0

*3. Grupo Charunda*

Nº total	Nº de beneficiários	Beneficiários religiosos	Beneficiários não religiosos	Homens	mulheres	Viúvas	Solteiras	Deficientes
30	15	4	11	15	0	-	-	0

Os dados apresentados mostram um claro benefício para os religiosos nos grupos formados pelos religiosos o que não acontece com o grupo que não tem conotação religiosa (grupo Charunda).

Os religiosos entrevistados dizem que isto deve-se ao facto de a informação a respeito do programa correr primeiro dentro da igreja (são os primeiros a saberem antes dos outros membros da comunidade), e não porque escolhem quem deve receber. Alguns não religiosos entrevistados e que não se beneficiam, dizem que falta-lhes informação a respeito do programa enquanto outros dizem que os religiosos distribuem-se entre eles, e esperam que os animais sobrem para passarem aos não religiosos.

Outro aspecto é que das 90 pessoas inscritas no repovoamento apenas 6 é que são mulheres, sendo duas viúvas, duas solteiras e duas casadas. A justificação dada pelo facto de a maioria de inscritos serem homens é de que por tradição da zona a casa é da responsabilidade do homem, e sendo

assim o homem é que deve ser responsável e responder pelos animais recebidos.

**4. Diagnóstico Rural Participativo(DRP):** O DRP incidiu-se mais nas famílias que se encontravam mais próximas do acampamento da equipe. Das 21 famílias entrevistadas, as 15 que disseram ter tido contacto com a equipe, 12 são famílias que moram próximas da escola (local onde esteve acampada a equipe). Maior parte dos que disseram não terem tido contacto com a equipe moram a cerca de 1km da escola. Esta informação leva a que se questione a representatividade que o DRP teve na comunidade de Mocha. Em termos de benefícios algumas famílias que tiveram contacto com a equipe de DRP disseram ter aprendido que os problemas da comunidade devem ser resolvidos pela própria comunidade e que os grupos de fôra só podem ajudar e não resolvê-los. Outros ainda ficaram com a impressão de que ultimamente os grupos de fôra já começam a procurar saber dos problemas da comunidade em vez de chegar e fazer algo sem perguntar primeiro. Um líder religioso e o Sapanda afirmaram que as suas habilidades de fazer mapas melhoraram bastante depois do contacto com a equipe.

#### **7.4. PREJUÍZOS E PREJUDICADOS PELAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS**

Não foram citados prejuízos para o caso de escola, furo de água e DRP; entretanto os não beneficiados pelo repovoamento caprino sente-se prejudicados quando nalgumas vezes os cabritos dos beneficiados invadem as suas machambas.

#### **7.5. OPINIÃO DA COMUNIDADE ACERCA DAS INTERVENÇÕES**

Para auscultar a opinião da comunidade sobre as intervenções, particularmente o DRP, foram elaboradas as seguintes questões:

1. Entendem porquê os grupos de fôra vem falar convosco?
2. Qual é a comparação que faz do grupo da SCF-UK com os outros?
3. Entenderam porquê foram divididos em homens, mulheres e crianças?
4. Qual é a melhor forma de abordar assuntos(individualmente, em grupos pequenos ou em grandes reuniões)?
5. Aprendeu alguma coisa com o grupo da SCF-UK?

6. De tudo o que viu e aconteceu, o que mais gostou e o que mais desgostou?
7. O que seria necessário para colaborar com grupos de fôra?
8. Se viesse um outro grupo para falar com o(a) senhor(a), aceitaria?

A 1ª pergunta (se entendem porquê grupos de fôra vão ter com eles) foi feita a todas famílias entrevistadas e as respostas foram:

- 14 famílias disseram que é porque as organizações querem resolver os problemas da comunidade. *“Se eles vem perguntar os nossos problemas, é porque querem resolver”*;
- 4 famílias disseram não terem entendido porquê as organizações vão falar com eles;
- 2 famílias disseram que é para as organizações ficarem a conhecer melhor a situação da comunidade;
- 1 família disse: *“Eles recebem por isso. São mandados fazer isso porque é seu trabalho nas suas empresas”*;

A pergunta 2 (comparação grupo da SCF-UK e outros) foi direccionada as 15 famílias que disseram terem tido contacto com a equipe de DRP da SCF-UK.

- 9 famílias disseram não terem notado diferença. Algumas frases a respeito disso foram:

*“Todos vem , falam, vão embora e não fazem nada”*.

*“Pensávamos que as organizações fossem como um amigo que sopra-te no olho para tirar areia; as que aqui vem, sopram mas não tiram areia”*.

- 4 famílias disseram que a equipe teve mais contactos com a população, e levou mais tempo na comunidade que as outras.

As restantes duas famílias disseram terem muita esperança nesta equipe: *“A SCF-UK sempre que entra aqui faz alguma coisa; se veio desta vez procurar saber nossos problemas é porque vai fazer algo para nós”*.

A 3ª questão (se entendem porquê são divididos) foi direccionada para as famílias que tiveram contacto com a equipe. Das 15 famílias que tiveram contacto com a equipe, 9 é que estiveram no encontro e participaram da divisão.

- 6 disseram não terem entendido porquê foram divididos e as restantes 3 disseram que era para a

equipe ter diferentes percepções.

A pergunta 4 (melhor forma de abordar assuntos) foi feita a todos entrevistados, e as respostas foram:

- 16 famílias disseram que a melhor maneira é trabalhar em grupo, porque juntam-se várias ideias. 3 famílias disseram: "*Tanto faz em grupo, individualmente ou em grandes reuniões; o importante é ouvirem o que temos a dizer*". As 2 restantes famílias disseram que a melhor maneira de trabalhar é individualmente, porque cada pessoa expressa melhor o que sente.

A 5ª questão (se aprendeu alguma coisa com o grupo de DRP da SCF-UK) foi colocada a entrevistados que tiveram contacto com a equipe, e a resposta variou da seguinte maneira: 7 entrevistados disseram Nada! "*As nossas mentes não tem muita coisa guardada dos encontros com estes grupos; eles que escrevem no papel devem ter tudo*". 3 famílias disseram ter aprendido com o grupo a necessidade de a comunidade olhar os seus problemas e procurar resolver sozinha em vez de esperar por apoios de fôra, e que os grupos de fôra estão mudando a sua forma de intervir perguntando primeiro em vez de fazer. 2 famílias (líder religioso e administrativo) disseram ter melhorado a sua habilidade de fazer mapas. As restantes 3 focaram o aspecto de priorização dos problemas. "*Se tivemos que priorizar os problemas isto mostra que eles não são capazes de resolver tudo*". O facto de as 7 famílias terem dito que não aprenderam nada tem haver no meu ponto de vista pelo facto de que estavam mais preocupados em ver soluções imediatas para os seus problemas e deram menos importância (prestaram menos atenção) ao DRP em si. Doutro lado pode ser que estes entrevistados tiveram menos convívio com a equipe.

A pergunta 6 (o que mais gostou e mais desgostou) foi para todos entrevistados e as respostas variaram de seguinte maneira:

1. *O que mais gostou*: 6 das 9 famílias que estiveram presentes no encontro disseram terem ficado bastante impressionados com os métodos e as técnicas usadas. Os restantes membros entrevistados disseram terem gostado o facto de a equipe ter ido a comunidade fazer o levantamento da situação
2. *O que mais desgostou*: Todas famílias frisaram: "*Desde que foram nunca mais voltaram a falar no assunto*".

A 7ª pergunta (o que seria necessário para colaborar com grupos de fôra), foi feita a todos entrevistados e teve resposta idêntica e que pode ser expressa pela frase: "*Que resolvam os problemas que levantámos*".

A pergunta 8 (se aceitaria falar com outro grupo), foi feita a todos entrevistados e teve também resposta idêntica: "*Sim aceitaria*".

As razões citadas foram:

- "*Não se sabe quem irá resolver os problemas; qualquer grupo pode ser o que vem resolvê-os;*
- "*É sempre bom ter contactos com pessoas de fôra, porque informam-nos o que acontece pelo mundo*";
- "*Se o sapanda permitir não há problemas em aceitar*";
- "*Se não aceitar quem há-de ouvir os nossos problemas e como podem ser resolvidos*".

## **8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **8.1. EM RELACÇÃO AO TREINAMENTO**

O treinamento teve os seus pontos positivos e negativos. Os pontos positivos foram:

a) O treinamento foi bem levado, sobretudo porque os facilitadores souberam gerir no meu ponto de vista, as duas grandes dificuldades que logo a primeira encararam: O número elevado de participantes e a heterogeniedade do grupo. Os métodos e as técnicas usadas como grupos de trabalho, jogos, simulações, foram bastante importantes para ultrapassar as dificuldades acima citadas. Permitiram também criar melhor percepção dos assuntos, criar um ambiente de conjunto, a diminuir as diferenças entre os participantes e a proporcionar um clima alegre. Ajudaram também a superar o problema de língua.

b) Foi bastante positivo o facto de todos participantes sem distinção terem passado refeições no mesmo lugar. Isto ajudou também a diminuir as diferenças entre os participantes;



c) O comportamento dos participantes, sobretudo os acesos debates nos grupos, constituíam um grande incentivo para os facilitadores e uma das melhores formas de colaboração no treinamento

Os pontos negativos foram:

a) A SCF devia ter informado atempadamente aos participantes, todos pormenores relacionados com o treinamento. Isto evitaria situações como a expectativa por exemplo de ter subsídio;

b) O grupo era grande e bastante heterogéneo. Isto terá afectado o grau de assimilação dos assuntos abordados.

*Aspectos a considerar:* É difícil avaliar como positivo ou negativo a influência que tiveram os audio-visuais, porque dum lado são um material de ensino bastante necessário e doutro, as pessoas que pouco contacto tiveram com este material, muitas vezes desviam-se dos assuntos abordados.

## 8.2. EM RELACÇÃO AO DRP

Durante o acompanhamento foi possível notar como pontos positivos:

a) O DRP permitiu testar aos participantes o grau de assimilação dos assuntos abordados;

b) O DRP proporcionou ideias sobre as necessidades e prioridades dos adultos e das crianças na comunidade. Permitiu também descobrir a percepção local acerca do que pode ser feito para responder as suas necessidades;

c) O acompanhamento permitiu verificar os diferentes aspectos que podem afectar um DRP:

- A interação dentro da equipe;
- A interação equipe-população;
- Relacionamento população-líderes;
- O relacionamento entre os líderes;

- A expectativa criada por intervenções anteriores.

Durante o acompanhamento foi possível notar como pontos negativos:

a) Houve na equipe uma fraca coesão e também falta de moral para trabalhar por parte de certos elementos;

b) A convivência equipe-população não foi a desejável, porque dum lado estava a equipe com a sua água mineral, seus colchões e sua própria comida e doutro a população com água do poço e suas dificuldades de obter o alimento diário (referir novamente que a equipe chegou numa altura em que a população padecia de fome e segundo ela a alimentação era baseada em frutos silvestres e aquáticos). A questão de convivência equipe-população é uma questão que todos praticantes do DRP em geral devem procurar reflectir, porque é bastante difícil com o tempo disponível para a realização dum DRP, criar a igualdade que teoricamente é sustentada por esta abordagem.

c) Foi descrito no capítulo 4 que o relacionamento entre alguns membros da comunidade com o seu régulo não era bom. Este terá sido provavelmente um dos motivos da fraca participação nos encontros que a equipe teve com a população.

d) Aparentemente a equipe não assimilou correctamente o treinamento. No treinamento falou-se da necessidade de ter/criar maior aproximação à população. No entanto quando consome-se água mineral a escassos metros duma bomba que a população usa, ou quando se profere frases ofensivas como à da hérnea, isto não ajuda a criar condições de aproximação à população.

### **8.3. PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NAS DIFERENTES ACTIVIDADES**

A participação da população por cada actividade desenvolvida em Mocha pode ser apresentada usando o modelo do capítulo 3 da seguinte maneira:

*Actividade1: Abertura do furo de água*

	Não houve participação	Participação contratual	Participação consultativa	Participação colaborativa	Participação colegial	Auto-participação
Definição de objectivos e prioridades	●					
Planificação	●					
Execução	●					
Manutenção						
Monitoria						
Controlo financeiro						

Observação: A SCF montou a bomba e não voltou mais a zona para fazer o acompanhamento. Por esse motivo as células de manutenção, monitoria e controlo financeiro estão em branco.

*Actividade2: Construção de escola*

	Não houve participação	Participação contratual	Participação consultativa	Participação colaborativa	Participação colegial	Auto-participação
Definição de objectivos e prioridades	●					
Planificação	●					
Execução		●				
Manutenção						
Monitoria						
Controlo financeiro						

Observação: A semelhança da abertura do furo de água a SCF construiu a escola fez a entrega e parou por aí.

*Actividade 3: Repovoamento de caprinos*

	Não houve participação	Participação contratual	Participação consultativa	Participação colaborativa	Participação colegial	Auto-participação
Definição de objectivos e prioridades	●					
Planificação	●					
Execução				●		
Manutenção				●		
Monitoria				●		
Controlo financeiro	●					

*Actividade 4: DRP*

	Não houve participação	Participação contratual	Participação consultativa	Participação colaborativa	Participação colegial	Auto-participação
Definição de objectivos e prioridades	●					
Planificação	●					
Execução				●		
Manutenção						
Monitoria						
Controlo financeiro	●					

As tabelas apresentadas mostram claramente o carácter "top-down" com que foram desenvolvidas as actividades. Em todas actividades predomina o "não houve participação".

Na montagem da bomba de água, a população apenas foi informada desta intenção por parte da SCF-UK. Na construção da escola, a população foi informada e participou como mão de obra. No

repovoamento, a SCF e HPI, entraram na comunidade e informaram sobretudo os líderes religiosos de que tinham cabritos para o repovoamento. Para receberem os cabritos a SCF e o HPI decidiram que deviam ser formados 3 grupos de 30 elementos cada e cada beneficiário devia construir um curral melhorado. Em nenhuma actividade desenvolvida a população foi perguntada quais eram as suas necessidades e prioridades.

No programa de repovoamento, apenas 4 das 45 famílias cumpriram com o preconizado. Comparando estes dados com o que estava preconizado para o período de vigência do programa, pode-se considerar que a actividade está sendo lenta demais.

Quanto às questões colocadas a comunidade: As respostas estão basicamente centradas na expectativa que o DRP criou na comunidade e na falta muitas vezes de percepção do que se faz e porquê está sendo feito. O DRP foi mais usado como um meio para habilitar Os participantes a usarem a abordagem participativa, do que como um meio para empoderar a comunidade. Isto porque não houve acções de continuidade (após o DRP a SCF-UK não voltou mais a comunidade para falar do DRP).

Referente ao empoderamento: Usando os modelos de empoderamento (capítulo 3), nota-se que o empoderamento da comunidade foi sobretudo do tipo "power to", porque as actividades estão a criar acima de tudo habilidades individuais.

Quanto aos intervenientes nas actividades acima mencionadas, as instituições que representam o governo, tem a semelhança da comunidade, uma participação mais passiva; são sobretudo receptores de actividades feitas pela SCF.

## 9. CONCLUSÕES

1. Duma maneira geral o treinamento foi positivo, tendo falhado sobretudo no facto de a organização não ter avisado antecipadamente aos participantes as modalidades inerentes ao processo. Por outro lado o treinamento foi também afectado pelo nº e heterogeniedade dos participantes;

2. O estudo mostrou que o DRP ficou afectado directamente pela fraca coesão entre os membros da equipe, e, indirectamente pelo relacionamento população-equipe, população-dirigente, dirigente-dirigente e intervenções anteriores;

3. Os resultados mostraram que das 7 intervenções que a comunidade identificou, 4 foram da SCF-UK que desenvolveu as actividades: Montagem de bomba de água, construção de escola, DRP e repovoamento de caprinos;

4. O estudo mostrou que a abordagem participativa que visava acima de tudo reduzir o papel de "fazedor" por parte da SCF-UK, é ainda pouco usada. As actividades desenvolvidas depois de 1995 (ano que a instituição começou com o uso da abordagem participativa), continuaram sendo desenhadas sem a participação da população, e, os DRP's realizados não tiveram o "feed-back" junto à comunidade. Para isto alguns aspectos importantes contribuíram :

a) A instituição abraçou a abordagem participativa numa altura em que esta era ainda bastante nova no país e havia poucos praticantes desta abordagem, consequentemente teve pouca base de sustento dentro da instituição para dar continuidade a abordagem.

b) Houve falta de uma definição clara dos objectivos do uso da abordagem participativa por parte da instituição, p.e. treinamento e DRP como forma de empoderar as comunidades ou apenas forma de dar novos conhecimentos aos trabalhadores.

c) A instituição pretendia/pretende usar a abordagem participativa que requer algum tempo enquanto os seus parceiros ainda tinham/tem actividades de emergência por realizar (ex. construção de escolas e postos de saúde), que são acções imediatas.

5. Os resultados mostram que existe uma grande vontade por parte da instituição em usar a abordagem participativa. Porém, porque trabalhou largo tempo em acções de emergência, as comunidades e a própria instituição levarão algum tempo para adaptarem-se a mudança.

6. Os resultados mostraram que o papel da SCF-UK no desenvolvimento de Mocha, incidiu sobretudo na complementaridade de algumas funções do estado, principalmente as que beneficiam a criança como a construção de infra-estruturas sociais que garantem o acesso à educação e a água potável;

7. Dos resultados pode-se concluir que 2 grupos principais intervêm nas actividades desenvolvidas pela SCF em Mocha: A SCF como fazedora das actividades, e a comunidade e as instituições do governo como receptores das actividades;

8. O impacto das actividades é em geral positivo, no sentido de que as actividades incidiram na construção de infra-estruturas sociais como a escola e a bomba de água, que são infra-estruturas que por natureza são providas para benefício comum. O repovoamento pecuário beneficiou sobretudo os membros religiosos que os não religiosos e mais homens do que mulheres;

9. O estudo mostrou que muitos aspectos não foram considerados no planeamento do programa de repovoamento (como a experiência dos beneficiários na criação de caprinos, se era oportuno o programa, a acessibilidade da zona), o que terá contribuído sobremaneira para a fraca reprodução e redistribuição dos animais;

10. Os resultados mostram que a participação foi sobretudo como *meio* porque as actividades foram desenvolvidas para a comunidade e não pela comunidade ou com a comunidade;

11. O estudo mostra que o empoderamento da comunidade é sobretudo no estilo "power to", porque as actividades estão criando habilidades individualmente.

12. O estudo mostrou que as actividades que tiveram maior impacto na comunidade foram o furo de água e a escola.

## 10. RECOMENDAÇÕES

*Para SCF-UK:*

Quando organiza um treinamento, antecipe aos participantes as modalidades e todos os aspectos relacionados com este treinamento. Por outro lado procure homogeneizar os participantes.

Após um DRP procure dar um "feed-back" a população, mesmo que seja para dizer que não é capaz de resolver os problemas levantados; isto porque do DRP feito a população ficou na expectativa de ver os seus problemas resolvidos. Por outro lado, o período que vai desde a efectivação do DRP até ao "feed-back"(caso este seja dado ), deve ser curto, porque a situação é dinâmica e os problemas mudam com o tempo;

No desenho de futuras intervenções, procure incorporar a abordagem participativa. Isto justificará os treinamentos e os DRP's realizados em 1995 e 1998;

No desenho de futuros projectos, procure incorporar as actividades de sensibilização, acompanhamento e capacitação da comunidade, para permitir maior sustentabilidade dos mesmos. Por outro lado procure actuar em actividades que tenham impacto directo para a criança

*Para outras ONG's*

Procurem criar um banco de dados que facilite a qualquer outra ONG ou instituição, consultar as actividades desenvolvidas e a zona onde foram desenvolvidas. Isto abriria caminho as organizações interessadas em ajudar em alguma actividade;

Procurem ter mais intercâmbio para troca de experiência. Isto a semelhança do nº 1, abriria caminho a outras instituições.



*Para a Comunidade*

Não desanime apesar de ter ficado com muita expectativa das intervenções anteriores. Colaborem com futuras equipas;

Não esperem que tudo seja feito por agentes de fora. Deiam força ao comité de ligação escola-comunidade e ao comité de água, porque isto só beneficia a vós próprios.

*Para outras entidades ligadas as intervenções da SCF*

Procurem fazer maior acompanhamento das actividades desenvolvidas nas vossas respectivas áreas. Por exemplo o sector de educação pode fazer um melhor acompanhamento da escola construída.

*Para a Faculdade*

Incorporar aspectos de nutrição, saúde na comunidade e primeiros socorros, sobretudo no currículo de extensão rural; isto pelo facto de ser em princípio a opção que terá mais contactos com a população e, estes aspectos são o quotidiano com que se depara no campo.

## BIBLIOGRAFIA

Biggs,S.(1989) *Resource poor farmer participatoryin research; a synthesis of experiences from 9 national agricultural research systems*,OFCOR comparative study, paper nº 3, ISNAR, the Hague.

Chambers,R.(1995) *Desenvolvimento rural, fazendo dos últimos os primeiros*, ADRA, Luanda-Angola.

Edward,M & Hulme,D (1995) *Non-governmental organizations- Performance and accountability beyond the magic bullet*. Introduction and overview, EARTHSCAN

*Espero* nº 11, Outubro 1995, pag.4.

Groot, A.(1996). *Participation*. Draft version used for Heterorientatie landbouw onderwijsproject. In Reader Participatory methods, spring 1997, Wageningen Agricultural University. Department of Communication and Innovation Studies

Lane,J.(1997) Non-governmental organizations and participatory development: The concept in theory versus the concept in practice, In: Nelson,N & Wright,S (eds), (1997) *Power and Participatory Development, Theory and Practice*. IT Publications, London.

Nelson,N & Wright,S.(1997) Participation and Power, In: Nelson,N & Wright,S (eds), (1997) *Power and Participatory Development, Theory and Practice*. IT Publications, London

Matakala,P.(1998) *Guião para trabalhadores de campo e investigadores em maneio florestal comunitário*, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique.

Pinto,S.(1998) *O papel das ONG`s no desenvolvimento de Moçambique. Estudo de caso em províncias seleccionadas*. Universidade técnica de Lisboa, Lisboa.

Pijnenburg,B.(1998) *Limites of farmers participation*: In Agricultural Research and Extension Network . Newsletter 37, ODI, London.

SCF-UK (1998A) *Plan of activities and the term of reference for PRA training in Zambézia*, Maputo, Moçambique.

SCF-UK (1998B) *Síntese e relatórios do trabalho de campo do PRA: Mopeia e Morrumbala província da Zambézia*. Quelimane, Moçambique.

SCF-UK (1998C) *Abordagem ao desenvolvimento em Moçambique*. Relatório sobre reunião de Mopeia, Zambézia , Moçambique.

SCF-UK (sem data) Documento de apresentação

*Vida nova* nº 10, Outubro 1996,pag.21.

*ANEXOS*

## ANEXO I

*Programa diário*

Dia	Horas	Pessoa contactada	Assunto tratado
14/03/99	14.00	-----	Partida Maputo-Quelimane
14/03/99	16.30	Dona Etelvina	Hospedagem em Quelimane
15/03/99	9.00	Stephen-SCF	Pedido de dados secundários e marcação de encontro
15/03/99	14.00	-----	Partida para Mopeia
15/03/99	18.00	-----	Chegada a Mopeia e hospedagem na casa da SCF
16/03/99	9.00	Sr. Frechaut-SCF	Entrevista-perguntas ao Staff
16/03/99	11.00	-----	Visitas as Direcções Distritais de Saúde, Educação, Acção Social e marcação de encontros nestes locais
17/03/99	9.10	-----	Partida para Mocha
17/03/99	10.00	Régulo	Pedido de hospedagem na zona
17/03/99	10.30	Sr. Artur-líder religioso	Hospedagem
17/03/99	14.00	Sr. Artur	História da comunidade
17/03/99	17.00	Sapanda Charunda	Apresentação e marcação de encontro
18/03/99	8.30	Dona Amélia-informante chave	Entrevista a informantes Chaves baseado no guião
18/03/99	11.00	Uma viúva e uma solteira	Informação geral da comunidade e particularmente do seu modo de vida
18/03/99	Tarde	Sapanda	Informação geral da comunidade
19/03/99	Manhã e Tarde	População	Entrevista casa-casa
20/03/99	"	"	"
21/03/99	"	"	"
22/03/99	Manhã	Sapanda e Sr. Artur	Mapeamento da zona
22/03/99	Tarde	-----	Saída de Mocha
23/03/99	Manhã	Direcção de Saúde e de Educação de Mopeia	Informação sobre actividades desenvolvidas em Mocha
23/03/99	Tarde	Direcção de Agricultura e de Acção Social	"
24/03/99	Manhã	-----	Análise de dados colhidos
24/03/99	Tarde	Sr. Frechaut	Últimos esclarecimento
25/03/99	Manhã	-----	Saída de Mopeia
25/03/99	Tarde	-----	Descanso em Quelimane
26/03/99	Manhã	Stephen	Informação acerca da SCF
26/03/99	Tarde	-----	Síntese da informação colhida
27/03/99	Manhã e Tarde	-----	Descanso
28/03/99	-----	-----	Regresso a Maputo

## Guião de entrevista com outras instituições

### 1.0. A instituição desenvolve alguma actividade em Mocha

Sim sim: Que actividades, como desenvolve, porquê estas actividades

Quais são as dificuldades que enfrenta no seu trabalho, como ultrapassa-os

### 2.0. Tem tido alguma parceria com a SCF

Sim sim: em que actividades e como é feita esta parceria

Quais são os pontos positivos e negativos que vê na SCF

Qual é o relacionamento que a instituição tem com a SCF

### 3.0. Coordenação sua instituição-governo

-Governo-ONG's

-ONG's-Comunidade

-Governo-ONG's-Comunidade

## Guião de entrevista com informantes chaves

- *Régulo*
- *Fumos*
- *Sapandas*
- *Professores*
- *Anciãos*

### 1.0. História da comunidade

- Origem do nome, limites geográficos, composição étnica e religiosa, estrutura administrativa, resolução de conflitos, recursos.

### 2.0. Acontecimentos significativos na história da comunidade

- Cheias, doenças, eleições, chegada de ONG's,...

### 3.0. Instituições do governo e outros agentes na comunidade

- ONG's a operarem na comunidade (quem, o que faz, quem beneficia, quem fica prejudicado)
- Sobre SCF:

O que fez/faz, como fez/faz, a quem beneficia e a quem prejudica; como beneficia e como prejudica

### 4.0. Meios de vida

- Actividades desenvolvidas, quem desenvolve, como desenvolve.

### Questões para a comunidade

1. Já apareceram por aqui grupos de fôra? se sim:
  - Quantos?
  - Quando?
  - Porquê vieram?
  - O que fizeram?
  - Como fizeram?
  
2. Vocês entendem porquê eles vieram nesta zona?
  
3. Aprenderam alguma coisa com grupos de fôra?
  
4. Que actividades foram desenvolvidas nesta zona?
  
5. Quem participou nestas actividades (homens, mulheres, crianças,...)?
  
6. Como participaram nestas actividades (foram pagos, livre vontade, forçados,...)?
  
7. A vinda destes grupos mudou alguma coisa na vossa forma de viver/ver/pensar,...?
  
8. Quem decide sobre o que fazer aqui na vossa comunidade ( o régulo, as pessoas de fôra,...)?
  
9. A quem beneficiam e a quem prejudicam as actividades feitas?
  
10. alguma coisa tem falhado com os grupos de fôra que vêm para aqui? Se sim, o que é?
  
11. O que seria necessário para trabalharem bem com os grupos de fôra?



# REGULADO DE MOCHA - MOPEIA

